

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE TEORIA E PRÁTICA DA EDUCAÇÃO
CURSO PEDAGOGIA

MILENA KONDRATOWSKI ESTABILE

**A POTÊNCIA LITERÁRIA NA FORMAÇÃO DOCENTE:
TEORIA *QUEER*, INTERSECCIONALIDADE E
DECOLONIALIDADE EM *GAROTA, MULHER, OUTRAS* DE
BERNARDINE EVARISTO**

MARINGÁ
2022



MILENA KONDRATOWSKI ESTABILE

**A POTÊNCIA LITERÁRIA NA FORMAÇÃO DOCENTE:
TEORIA *QUEER*, INTERSECCIONALIDADE E
DECOLONIALIDADE EM *GAROTA, MULHER, OUTRAS* DE
BERNARDINE EVARISTO**

Trabalho de Conclusão de Curso - TCC,
apresentado ao Curso de Pedagogia
como requisito parcial para o
cumprimento das atividades exigidas na
disciplina TCC.

Orientação: Prof.^a Dr.^a Jeinni Kelly Pereira
Puziol

MARINGÁ
2022

MILENA KONDRATOWSKI ESTABILE

A POTÊNCIA LITERÁRIA NA FORMAÇÃO DOCENTE: TEORIA *QUEER*,
INTERSECCIONALIDADE E DECOLONIALIDADE EM *GAROTA, MULHER,*
OUTRAS DE BERNARDINE EVARISTO

Trabalho de Conclusão de Curso - TCC apresentado ao Curso de Pedagogia da
Universidade Estadual de Maringá como requisito parcial para a obtenção do título
de Pedagoga, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Jeinni Kelly Pereira Puziol.

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Jeinni Kelly Pereira Puziol
(Orientadora)
Universidade Estadual de Maringá

Prof.^a Dr.^a Ana Cristina Teodoro da Silva
Universidade Estadual de Maringá

Prof.^a Dr.^a Maria Cristina Cavaleiro
Universidade Estadual do Norte do Paraná

DEDICATÓRIA

À minha mãe, Anilsa, com todo amor!
E, à minha orientadora, Jeinni, por sonhar
esse trabalho junto comigo e ser a minha
bússola!

A POTÊNCIA LITERÁRIA NA FORMAÇÃO DOCENTE: TEORIA *QUEER*, INTERSECCIONALIDADE E DECOLONIALIDADE EM *GAROTA, MULHER, OUTRAS* DE BERNARDINE EVARISTO

Milena Kondratowski Estabile¹

Jeinni Kelly Pereira Puziol²

RESUMO: O objetivo desta pesquisa é investigar a presença de temas relacionados à teoria *queer*, à interseccionalidade e à decolonialidade no livro *Garota, Mulher, Outras*, de Bernardine Evaristo, bem como apontar a potencialidade desse texto literário na formação docente. A partir dos estudos culturais, buscamos investigar as conexões do livro com temáticas sobre diversidade e educação que compreendemos ser fundamentais para a formação docente. Nosso referencial teórico está amparado em Crenshaw (2002), Butler (2007), Louro (2008), Mignolo (2017), Miskolci (2012) e, ainda, Freire (2015), Gatti (2016) e Todorov (2009). Realizamos uma discussão teórica sobre as principais características da teoria *queer*, da interseccionalidade e da decolonialidade e suas conexões com a educação e, a partir de então, após a leitura e discussão do livro *Garota, Mulheres, Outras*, buscamos, na história das personagens, os vínculos com tais temáticas, de modo a problematizar possibilidades que essa literatura pode ter no processo de formação de professores. O livro em questão possui grande potência formativa ao tratar temas como gênero, sexualidade, feminismo, trabalho, política, diversidade cultural, racismo, eurocentrismo, diversidade étnica, violência contra mulher, patriarcalismo, homofobia e classismo. Há tantos temas reunidos em um só livro que pode até parecer politicamente correto demais, todavia, como destaca Todorov (2009), personagens literários ampliam nosso horizonte e enriquecem nosso universo, pois literatura é pensamento e conhecimento do mundo em que vivemos. A educação como prática libertária é também a ampliação de nossas formas de sentir, viver e se relacionar com o outro, que é diverso e nos desafia.

Palavras-chave: teoria *queer*; interseccionalidade; decolonialidade; formação docente; literatura.

¹ Graduanda do quarto ano do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à universidade como requisito parcial para a obtenção do título de licenciada em Pedagogia.

² Professora adjunta do Departamento de Teoria e Prática da Educação. Orientadora da pesquisa para o Trabalho de Conclusão de Curso.

ABSTRACT: The objective of this research is to investigate the presence of themes related to queer theory, intersectionality and decoloniality in the book *Girl, Woman, Other*, as well as to point out the potential of this literary text in teacher education. From cultural studies, we seek to investigate the book's connections with themes on diversity and education that we understand to be fundamental for teacher training: queer theory, intersectionality and decoloniality. Our theoretical framework is supported by Crenshaw (2002), Butler (2007), Louro (2008), Mignolo (2017), Miskolci (2012) and Freire (2015), Gatti (2016) and Todorov (2009). We carried out a theoretical discussion about the main characteristics of queer theory, intersectionality and decoloniality and their connections with education and, from then on, after reading and discussing the book *Girl, Woman, Other*, we sought in the stories of the characters the links with such themes, in order to problematize the possibilities that this literature can have in the process of teacher training. The book in question has great formative power when dealing with topics such as gender, sexuality, feminism, work, politics, cultural diversity, racism, Eurocentrism, ethnic diversity, violence against women, patriarchy, homophobia and classism. There are so many themes gathered in a single book that it may even seem too politically correct, however, as Todorov (2009) highlights, literary characters broaden our horizons, enrich our universe, because literature is thought and knowledge of the world in which we live. Education as a libertarian practice is also the expansion of our ways of feeling, living and relating to the other, who is diverse and challenges us.

Keywords: queer theory; intersectionality; decoloniality; teacher training; literature.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO _____	8
2 DESENVOLVIMENTO _____	10
2.1 INTERSECCIONALIDADE, TEORIA QUEER E DECOLONIALIDADE: SOBREPOSIÇÃO, ABJEÇÃO E PENSAMENTO FRONTEIRIÇO _____	10
2.2 <i>GAROTA, MULHER, OUTRAS</i> : PENSAMENTOS E AÇÕES OUTRAS _____	15
2.3 POTÊNCIA FORMATIVA DA LITERATURA EM <i>GAROTA, MULHER, OUTRAS</i> : EDUCAÇÃO PELA DIFERENÇA _____	27
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS _____	31
REFERÊNCIAS _____	33

1 INTRODUÇÃO

A ideia desta temática de pesquisa surgiu a partir de duas experiências. A primeira, minha história pessoal: ser mulher, filha de mãe jovem e viúva. Cresci ouvindo que a falta da “presença masculina” era um grande problema, pois tal ausência seria significado de vulnerabilidade financeira e educativa. Inconformada com tantos padrões a serem seguidos e com a desqualificação, por conseguinte, de minha mãe, uma fagulha em mim questionava como a educação poderia subverter tais normas, também por isso, escolhi ser professora.

A segunda experiência, os estudos realizados na disciplina *Políticas Públicas e Gestão Educacional: docência e diversidade cultural*, ministrada no primeiro semestre de 2021, no quarto ano do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá. Tais estudos uniram-se com minha experiência de vida e meu desejo de ser uma professora que transforma e é transformada pelas diferenças. A disciplina foi ministrada pela professora Jeinni Puziol e teve como proposta pedagógica, no segundo bimestre, a leitura do livro *Garota, Mulher, Outras*, de Bernardine Evaristo³. A leitura do livro bem como suas interconexões com os temas tratados na disciplina e a percepção de seus vínculos com a vida cotidiana contribuíram para a elaboração de nosso objeto de pesquisa que parte da seguinte problematização: Como a literatura pode contribuir com a formação docente com relação ao debate sobre a interseccionalidade, a decolonialidade e a teoria queer?

Diante disso, iniciei um percurso de leituras que permitiram questionar normas de gênero, raça, sexualidade e classe. Com um pouco de tristeza, destaco, uma experiência incomum na universidade, a leitura de um livro na íntegra. A experiência de leitura é bastante fragmentada, de modo que a possibilidade de ler um livro em sua totalidade, e, neste caso, um livro literário, foi uma prática formativa profunda, o que deveria ser comum na universidade.

Assim, nosso objetivo geral é investigar a presença de temas relacionados à teoria *queer*, à interseccionalidade e à decolonialidade no livro *Garota, Mulher, Outras*, bem como apontar as potencialidades deste texto literário na formação docente. Pautando-nos nos estudos culturais, buscamos investigar as conexões do

³ EVARISTO, Bernardine. **Garota, Mulher, Outras**. São Paulo: Cia das Letras, 2020.

livro com temáticas sobre diversidade e educação: gênero, sexualidade, feminismo, trabalho, política, diversidade cultural, racismo, eurocentrismo, diversidade étnica, violência contra mulher, patriarcalismo, homofobia e classismo.

Tratamos, inicialmente, de observar a presença de determinados marcadores sociais, em relação à raça, gênero, sexualidade e classes sociais no livro de Evaristo (2020). O livro expressa as dificuldades enfrentadas pelas mulheres negras na conquista de espaços na sociedade classista, racista, machista e sexista.

Por isso, buscamos nos aproximar do debate sobre a interseccionalidade, a teoria *queer* e a decolonialidade, pois compreendemos que, para além dos modismos, são temas fundamentais na formação docente. Segundo, procuramos tecer vínculos entre tais temáticas e o livro *Garota, Mulher, Outras*, de modo a mostrar a potência do livro quanto ao debate de temas polêmicos e complexos por meio de personagens literários. Por fim, tecemos algumas considerações sobre a possibilidade de educar pela diferença, neste caso, enfatizando a potência da literatura e suas personagens.

Em *Garota, Mulher, Outras*, Evaristo (2020) nos apresenta um romance de formato inusual, versos livres e sem pontos finais. O conteúdo é a vida de 12 pessoas vivendo em Londres após o BREXIT⁴: trabalho, família, sexualidade e política. Mulheres negras, brancas, lésbicas, heterossexuais e gênero não-binário. Gênero, raça, sexualidade, feminismo, desigualdade de classe, migrações, política, etarismo, machismo, violência contra mulher, patriarcalismo, homofobia, eurocentrismo, racismo, diversidade étnica e cultural, entrelaçando histórias de mulheres entre 18 e 93 anos, narradas de forma temporal. Consideramos que são temas essenciais na formação de professores, que precisam ter a capacidade, como formadores e humanos, de ver além das normas societárias que matam nossa potência criativa.

Nosso referencial teórico são os estudos culturais, que se apoiaram no materialismo histórico-dialético, ou seja, na crítica da sociedade capitalista, mas avançaram ao considerarem também as lutas pela diferença. Para os estudos culturais, a luta de classes é insuficiente para compreender a realidade, sendo

⁴ Bueno (2016) explica que a União Europeia-UE é um conjunto de 28 países, que objetiva a integração política e econômica do continente europeu. Entretanto, em 24 de junho de 2016 a UE sofreu uma rachadura: os britânicos escolheram deixar o bloco europeu, ou seja: o Reino Unido deixou de fazer parte dos fundadores da UE. Este ato foi batizado de Brexit, significando as junções dos termos em inglês: Britain (Grã-Bretanha) e exit (saída).

necessárias as lutas raciais, de gênero, de sexualidade e tantos outros marcadores da diferença (CRENSHAW, 2002; MILKOLCI, 2012).

Assim, a fim de compreender as conexões entre o livro, a interseccionalidade, a teoria *queer* e a decolonialidade, nosso referencial teórico é amparado em Crenshaw (2002), Miskolci (2012), Butler (2017), Louro (2008) e Mignolo (2017). Nossa concepção de educação e formação de professores é pautada em Freire (2013) e Gatti (2016). Sobre a potência da literatura, buscamos as concepções de Todorov (2009) e Sevcenko (1999). Realizamos o diálogo entre os autores de modo a refletir criticamente sobre as possibilidades de educar pela diferença também com a literatura.

2 DESENVOLVIMENTO

Nosso trabalho está, dessa maneira, dividido em três partes. Na primeira, apresentamos o debate da interseccionalidade, seu significado e sua potência de análise da sociedade e de formação de perspectivas. Além disso, apontamos a discussão sobre a Teoria *Queer*, de modo a refletir sobre a passagem da abjeção à transformação e a decolonialidade como potência do pensamento fronteiriço em educação.

Na segunda seção, abordamos como o livro *Garota, Mulher, Outras* se conecta com a interseccionalidade, o *queer* e a decolonialidade. Na terceira, apontamos a potência literária do livro em questão na formação docente. Por último, apresentamos considerações finais sobre a pesquisa.

Por fim, faz-se necessário registrar que, inicialmente, essa pesquisa foi planejada de modo a apresentar, em sua última seção, a análise de questionário aplicado às estudantes do quarto ano de Pedagogia da UEM que tiveram a experiência de leitura e debate do livro *Garota, Mulher, Outras*, o que infelizmente não foi possível devido a problemas com a Plataforma Brasil e o Comitê de Ética. O processo foi muito burocrático, o que inviabilizou a coleta de dados e sua análise e nos obrigou a reajustar a pesquisa, tal fato, portanto, impossibilitou-nos de trazer a riqueza da experiência de leitura realizada pelas estudantes.

2.1 INTERSECCIONALIDADE, TEORIA QUEER E DECOLONIALIDADE: SOBREPOSIÇÃO, ABJEÇÃO E PENSAMENTO FRONTEIRIÇO

Para compreender as conexões entre as lutas das mulheres na sociedade, relacionadas com questões de raça, sexualidade e classe, Crenshaw (2002) debate sobre a interseccionalidade, uma ferramenta de análise das desigualdades e sobreposição de opressões, preconceitos e discriminações. A discussão sobre interseccionalidade surgiu nas décadas de 1970 e 1980, com o protagonismo das lutas realizadas pelos movimentos feministas negros dos EUA e Inglaterra, e, em 1989 a professora, feminista e advogada Kimberlé Williams Crenshaw⁵ discute o conceito. De acordo com a autora:

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento (CRENSHAW, 2002, p. 177).

Sobre a mulher negra, Crenshaw (2002) destaca que as lutas que as mulheres negras enfrentam cotidianamente em sociedade não são demarcadas por um único e exclusivo aspecto. A mulher negra entrecruza as formas pelas quais se torna vulnerável. É necessário destacar que “as experiências únicas de mulheres étnica e racialmente identificadas são por vezes obscurecidas ou marginalizadas nos discursos sobre direitos” (CRENSHAW, 2002, p. 174).

Crenshaw (2002) menciona que as lutas as quais as mulheres negras encontram são distintas e mais problemáticas que as lutas que os homens negros enfrentam, isso pois vivenciam discriminações de gênero, raciais e sexuais ao mesmo tempo. De acordo com a autora “a incorporação do gênero, no contexto da análise do racismo, não traz à tona a discriminação racial contra as mulheres, mas também [...] formas específicas pelas quais o gênero configura a discriminação” (CRENSHAW, 2002, p. 173).

A violação dos direitos humanos precisa ser debatida sob o prisma da vulnerabilidade interseccional. Além de uma ferramenta analítica, a interseccionalidade é uma ferramenta política, que pode auxiliar no combate aos problemas estruturais que atingem as populações de forma e intensidade diferentes.

⁵ Kimberlé Williams Crenshaw (1959) é uma acadêmica e escritora pioneira na área dos direitos civis, teoria racial crítica, teoria jurídica feminista negra e raça e é a criadora do termo interseccionalidade, utilizado para expressar o duplo vínculo entre preconceitos, muito discutido em seus estudos (Mini currículo da *Columbia Law School*).

Como analisa Crenshaw (2002, p. 181),

o arrocho que ocorre em algumas economias pode funcionar como um estrangulamento econômico e social para aqueles sujeitos menos capazes de redistribuir as consequências de políticas de austeridade impostas de cima para baixo. O ônus desse processo não atinge o topo da pirâmide, mas a sua base, um lugar geralmente marcado pelo gênero, pela classe e, frequentemente, pela raça.

Podemos observar o quanto a desigualdade social está calcada não apenas em disparidades socioeconômicas, mas também em questões raciais, de gênero e de sexualidade. De modo a contribuir com esse debate, Butler (2017) nos auxilia na compreensão da diferença em diálogo com a sociedade desigual. A autora desenvolveu a ideia de que o gênero trata-se de uma construção social. Considera, ainda, o fato de que o feminismo tradicional não leva em consideração, como pauta principal de discussão, as implicações mais amplas referentes a essa noção, o que reforça, ainda que sem intencionalidade, os estereótipos entre feminino e masculino. Com isso, aponta que tanto o gênero quanto a sexualidade não são fixos, são fluídos e influenciados de acordo com a sociedade, não pelos fatores biológicos.

Miskolci (2012), para compreender a educação na diferença, apresenta-nos a Teoria *Queer*, cuja tradução significa: teoria do ridículo; teoria do diferente; teoria do estranho. É necessário destacar que Judith Butler é uma das primeiras teóricas *queer* da contemporaneidade, trata-se de uma referência fundamental no âmbito das discussões sobre gênero e política. Miskolci (2012) tem como base as discussões de Butler (2003) e afirma que “A diferença nos convida ao contato e à transformação; ela nos convida a descobrir o Outro como uma parte de nós mesmos” (MISKOLCI, 2012, p.49). Com isso, a teoria *queer* não se restringe àqueles que são considerados anormais e estranhos, mas nos convida a olharmos para quem somos e, ousando dizer, quem a sociedade nos tornou.

De acordo com Louro (2001), existe uma luta de classes: conservadores, que prezam pelos padrões heteronormativos da sociedade, *versus* minorias sociais, ou seja, negros e negras, bissexuais, homossexuais, transsexuais e outras identificações sexuais. Essa luta reflete que as minorias sociais, na verdade, caracterizam-se por ser um grupo muito mais visível na atualidade; além disso, deveriam ser nominados como maioria da sociedade: maioria oprimida, rejeitada, silenciada, que sofre por preconceito racial e por violência de gênero e sexualidade.

A política pós-identitária se caracteriza pela busca eminente na compreensão sobre as relações entre sujeitos e críticas sobre a oposição social posta entre

hétero/homossexual, afinal, “o lugar social no qual alguns sujeitos vivem é exatamente a fronteira” (LOURO, 2001, p. 542).

Para romper com o ideal de moralidade, a Teoria *queer* surge para fazer menção àqueles que consideram os sujeitos de orientação sexual não condizente ao gênero biológico como um ato de vergonha, de estranheza ou baixaza. Observamos como teoria *queer* e interseccionalidade estão conectadas, pois ambas as teorias buscam, na sociedade, refletir e discutir sobre as lutas raciais, de gênero, de sexualidade e tantos outros marcadores sociais.

No âmbito da decolonialidade, amparamo-nos em Mignolo (2017, p.13), que a define como “a resposta necessária tanto às falácias e ficções das promessas de progresso e desenvolvimento que a modernidade contempla”. Além disso, o estudioso também tem como pauta as relações étnico-culturais e, em especial, objetiva discutir sobre as problemáticas encontradas em relação à educação, no sentido de modificar uma estrutura educacional para pôr fim à necessidade de atingir o nível pleno do saber, do ser e do poder.

Observando uma situação problemática nas relações entre educação e divergências culturais, desencadeia-se a necessidade de promover debates reflexivos em torno da necessidade de propor uma educação que tenha um leque cultural referenciado, de modo a intensificar e potencializar o processo educativo.

Dito isso, Mignolo (2017, p. 13) permeia discussões referentes aos padrões de poder, com isso, surge o termo colonialidade, ou seja, o padrão colonial de poder. Isso quer dizer que colonialidade nada mais é que um complexo de relações retóricas que se escondem atrás dos discursos modernos, justificando violências – padrões de felicidade, progresso pessoal e social. Por isso, a decolonialidade significa opor-se às falácias das promessas de progresso, no sentido do desenvolvimento, que encontram justificativa na modernidade ditatorial.

Discutir decolonialidade só se faz possível desde que seja exposto o conceito anterior, isto é, a colonialidade. Essa, por sua vez, segundo Mignolo (2017), foi forjada devido à tentativa de compreender o que permanece entre os povos que, em determinado tempo histórico, foram colonizados, em relação a normas, práticas e valores, com o fim do colonialismo, isto é, o fim do colonialismo histórico – o fim do colonialismo enquanto um regime ditatorial e econômico. O fim desse não é sinônimo do fim das práticas coloniais, uma vez que o fim formal do colonialismo não significou o fim de seu modelo.

A decolonialidade não é sinônimo de uma saída, um novo caminho ou nova via, trata-se de uma opção, que tem como intuito primordial criticar o modelo colonial e o modelo moderno – modernidade e colonialidade. No entanto, não se restringe, conforme Oliveira e Candau (2010), à reflexão e à crítica: não se trata apenas de um modelo teórico, mas de mútuas possibilidades de intervenção, com ações práticas. Em outras palavras, a teoria e a educação decoloniais podem e devem ultrapassar a teoria.

Decolonial se relaciona com ações que preveem a necessidade de uma nova educação, não como um ideal ditatorial, mas como uma válvula de escape. Na pauta da teoria e da educação decoloniais, também está o racismo moderno, que se fundamenta devido às duas dimensões: ontológica, ou seja, uma análise metafísica sobre determinado indivíduo; epistemológica, uma filosofia que questiona as relações entre indivíduo e determinado objeto, podendo este ser verbal e visual (MIGNOLO, 2017, p. 17). Dito isso, Mignolo elucida tais dimensões: “em ambos os casos se tratava de aceitar a humilhação de ser inferior para quem decidia que devia manter-se como inferior ou assimilar-se” (MIGNOLO, 2017, p.18). O sentido de assimilar-se redireciona a condição do indivíduo a se colocar em aceitação, ou seja: “significa aceitar sua condição de inferioridade e resignar-se a um jogo que não é seu, mas que lhe foi imposto” (MIGNOLO, 2017, p. 18).

A saída, nesse âmbito, é o pensamento fronteiro, caracterizado por Mignolo (2017) como uma alternativa não radical em que o sujeito poderá se colocar em interrogação e na anunciação, ou seja, questionar os porquês, para quê e o quês, de forma a transformar as ações pessoais, superar paradigmas e o sentimento colonial e desconstruir padrões de pensamentos, atitudes e preconceitos.

Em síntese, Mignolo (2017) aponta três caminhos possíveis para que os indivíduos alcancem um escape para fugir da dualidade colonialidade e modernidade. Um refere-se à tentativa de se adaptar à modernidade, o segundo seria o sucesso na adaptação e, por fim, o terceiro: adaptar-se e criar alternativas que apontem para outras formas de vida. Isso permite que a consciência de ser da fronteira possibilite que o pensamento fronteiro entre em ação, a buscar alternativas, soluções e transformações no cenário social, educacional, político.

Por isso pensar em raça, gênero, sexualidade e classes sociais oprimidas, silenciadas e apagadas da sociedade e, ainda, refletir sobre as realidades em torno delas é um processo investigativo e interpretativo. Sendo assim, desencadeia-se a

necessidade pela busca de uma educação que tenha como objetivo primordial o ensino pelas diferenças que possa superar padrões historicamente estabelecidos, seja no âmbito do gênero, da raça ou da sexualidade, como discutem Crenshaw (2012), Butler (2017), Miskolci (2012) e Louro (2008).

Para Mignolo (2017) e Miskolci (2012), uma educação decolonizada e *queer* objetiva criticar os pensamentos tradicionais, transformando os saberes com base em projetos sociais, culturais, políticos e epistemológicos. Para isso, não se deve apenas inserir novas culturas, novas políticas e novos pensamentos nas discussões, mas incorporá-los de fato. Só os incluir não basta, não é suficiente. Teorias e práticas devem nos transformar por dentro e não apenas servir de discurso.

Assim, o livro literário de Evaristo (2020) traz personagens que estão imersos na sociedade que expressa todo o padrão normativo que a interseccionalidade, a teoria *queer* e a decolonialidade analisa, de forma a nos fornecer caminhos para romper. A luta por uma educação libertária, que reconheça nossa igualdade em nossa diferença e nossa diferença em nossa igualdade, precisa ser feita de modo conjunto, a partir do debate de classe, gênero, sexualidade e raça.

2.2 GAROTA, MULHER, OUTRAS: PENSAMENTOS E AÇÕES

Ler um livro é o mesmo que embarcar em uma história que não te pertence de fato, mas que é compartilhada com o leitor no momento de conexão entre ele e as personagens. Todorov (2009, p. 81) reflete sobre esta situação mencionando que o leitor, ao entrar em contato com personagens de um livro, descobrirá, de acordo com seu próprio ponto de vista, a identidade deste personagem. Quanto mais divergente for o personagem em relação a nós mesmos, mais se ampliam nossos horizontes. Concordamos com Todorov (2009, p. 81) quando diz que

Conhecer novas personagens é como encontrar novas pessoas, com a diferença de que podemos descobri-las interiormente de imediato, pois cada ação tem o ponto de vista do seu autor. Quanto menos essas personagens se parecem conosco, mais elas ampliam nosso horizonte, enriquecendo assim nosso universo. Essa amplitude interior (semelhante sob certos aspectos àquela que nos proporciona a pintura figurativa) não se formula com o auxílio de proposições abstratas, e é por isso que temos tanta dificuldade em descrevê-la; ela representa, antes, a inclusão na nossa consciência de novas maneiras de ser, ao lado daquelas que já possuímos.

Ainda de acordo com Todorov (2009), é necessário refletir sobre como

aprendemos com a leitura literária, pois não se trata de transmissão de conhecimento, mas uma mudança de percepção, uma troca que realizamos com as personagens. De acordo com Todorov (2009, p. 81), a aprendizagem pela literatura,

não muda o conteúdo do nosso espírito, mas sim o próprio espírito de quem recebe esse conteúdo; muda mais o aparelho perceptivo do que as coisas percebidas. O que o romance nos dá não é um novo saber, mas uma nova capacidade de comunicação com seres diferentes de nós; nesse sentido, eles participam mais da moral do que da ciência. O horizonte último dessa experiência não é a verdade, mas o amor, forma suprema da ligação humana.

Neste sentido, Evaristo (2020), por meio de personagens, expressa as dificuldades enfrentadas por mulheres na busca por espaços profissionais, sociais e afetivos na sociedade. Outrossim, aborda as questões de classe social com destaque para mulheres e para homens imigrantes de países africanos para a Inglaterra, o racismo estrutural, o machismo e questões de gênero e de sexualidade.

Evaristo (2020) possibilita o contato com tais temáticas por meio de personagens, mulheres negras e brancas, ativas na busca de um espaço na sociedade, combatendo preconceitos num cenário social marcado pelo patriarcado, machismo e padrões heteronormativos. Faz-se necessário elencar que esta prática de categorizar os sujeitos acontece devido a fatores históricos, pois, conforme defende Louro (2001, p. 542), “A homossexualidade e o sujeito homossexual são invenções do século XIX”. Isso, porém, não exclui os preconceitos raciais e de gênero que aconteceram antes do século datado, apenas reforça que a categorização se trata de uma invenção recente, surgindo para reforçar ainda mais os preconceitos.

Primeira personagem, Amma, possibilita aos leitores o contato com a experiência de uma mulher negra e lésbica que vive na sociedade londrina, marcada pelo machismo, patriarcalismo e heteronormativismo. Amma rompe padrões e conquista espaços, mesmo que sejam espaços questionados por seus amigos próximos, como o *National Theatre*, local elitizado e mantenedor de padrões que a própria Amma questiona. Amma vê que as possibilidades de resistência também são atingidas pela ocupação desses lugares.

Sob a perspectiva dos aspectos representados na personagem Amma, Crenshaw (2002) nos auxilia na compreensão dos protocolos usados para identificar situações discriminatórias de gênero ou racial, no intuito de prever, identificar e extinguir as práticas. Neste mesmo caminho, Amma se demonstra consciente

destes aspectos, colocando-se em debate contínuo em relação aos preconceitos que enfrentava, “quando fui aceita numa escola de atores bem tradicional eu já era politizada e os desafiava em tudo” (EVARISTO, 2020, p. 17).

Esse aspecto mencionado por Amma, “escola bem tradicional”, no livro, reflete os padrões normativos quanto ao gênero sexualidade e raça. Freire (2015) defende a ideia de uma educação como prática libertária, objetivando transformar o ambiente escolar, através de discussões, respeito mútuo e um ensino social e histórico direcionado à cultura, a fim de que os educandos compreendam os aspectos mais profundos da história da sociedade.

Neste mesmo rumo, Mignolo (2017, p. 15) discute que a decolonialidade “não consiste em um novo universal que se apresenta como o verdadeiro, superando todos os previamente existentes; trata-se antes de outra opção”. Assim, a decolonialidade “abre um novo modo de pensar que se desvincula das cronologias construídas” (MIGNOLO, 2017, p. 15).

A luta da decolonialidade tem como pauta de discussão se opor a um novo rito ditatorial, tendo por objetivo uma ruptura no modo de pensar, ou seja, romper com o fato de que a colonialidade exige da sociedade uma modernização. E, como a educação tradicional, da qual queixa Amma, relaciona-se com a descolonização?

Oliveira e Candau (2010) discutem sobre a necessidade de que haja, na sociedade e no campo educacional, uma emancipação epistemológica, da qual emane uma reconstrução radical do ser, poder e saber, ou seja, uma práxis amparada no ideal de construções e percepções de novas condições sociais, políticas, culturais e de pensamento. Tal ideia se assemelha à de Miskolci (2012), que afirma que pensar em uma educação *queer* exige que a formação parta das experiências que foram ignoradas, mas que ajudam a repensar a sociedade, superando as injustiças e as desigualdades.

Outra personagem que possibilita inúmeras reflexões é Dominique: mulher, negra, lésbica, artista e, inicialmente, apaixonada por Nzinga. Sua paixão por esta mulher afro-americana, genial de certo modo, mas autoritária e abusiva, fez com que Dominique se anulasse cada vez mais. Nzinga vem para demonstrar ao leitor que relacionamentos abusivos não se restringem às relações heterossexuais, mas também pode acontecer em relações amorosas entre quaisquer que sejam os casais: bissexuais, lésbicas, gays e outros. Combater à violência, verbal ou física, é uma luta de todos.

Nzinga apagou o brilho de Dominique, até mesmo mudou seu nome e, constantemente, fazia com que Dominique fosse grata pelos seus abusos. Dizia que as constantes discussões e privação eram maneiras de Dominique evoluir espiritualmente. Miskolci (2012, p. 24) classificaria esta situação como uma pauta de discussão *queer*, uma vez que tal questão se relaciona a situações que aflijam e reflitam uma problemática que não se restrinja à homossexualidade, mas a todos os atos em que o indivíduo é posto em situação de vulnerabilidade. Com isso, um dos objetivos da teoria *queer* é que os indivíduos consigam observar que podem, estão e devem estar em contínua luta contra o poder, em busca por liberdade. Afinal, o poder objetiva disciplinar e o *queer*, desconstruir normas e convenções sociais culturais que constituem os sujeitos como tal (MISKOLCI, 2021).

Entretanto, como Dominique expõe aos leitores, a situação de abuso não é tão prática de se desvencilhar, pois o abusador, no caso Nzinga, utiliza artimanhas e estratégias para ressignificar seus abusos. Nzinga narra que Dominique nada seria sem ela em sua vida, pois, graças a cada um de seus ensinamentos, tornou-se sábia, reflexiva e inteiramente pertencente aos amores de Nzinga. A atitude de fugir desta situação partiu de Dominique em diálogo com outra personagem, que se colocou à disposição em ajudá-la, isso se relaciona com o que Miskolci (2012) descreve: a luta contra o poder e a busca pela liberdade - de expressão, de atuação em sociedade e de pensamento próprio.

Yazz, filha da Amma, personagem mulher, negra e feminista, mostra aos leitores situações em que, por vezes, ocorrem sentimentos de superioridade intelectual nas pautas sociais. Yazz se sente intelectualmente evoluída por ter tido acesso a pautas de discussões sobre marcadores sociais, como lutas para combater discriminação racial e de gênero. Considera-se, por vezes, muito entendida e, ao mesmo tempo, considera-se também oprimida socialmente, por ser mulher e negra, sem compreender que, quando o assunto são minorias sociais, deve-se obstruir a ideia de olimpíadas da opressão, pois, como afirma Courtney, amiga de Yazz “o privilégio é relativo e depende do contexto [...] a gente tem que achar um novo discurso pra discutir desigualdade” (EVARISTO, 2020, p. 77), ressaltando que Yazz não compreende que a amiga Courtney não é provida de senso cultural, enganando-se durante o diálogo.

Outro personagem a ser discutido é o pai de Yazz, Rolland, autor de uma trilogia que se tornou best-seller, doutor na área de Vida Moderna na Universidade.

Rolland doou seu material genético para a inseminação em Amma, que gerou Yazz. Isso se deu justamente pela amizade e admiração que os dois tinham um pelo outro. De todo modo, em um dos encontros fraternais entre Rolland e Yazz, o pai pede “(pode me chamar de Rolland, não, você é meu pai, pai)”, o que deixa Yazz descontente pela falta de fraternidade em suas palavras (EVARISTO, 2020, p. 55).

Uma das maiores inquietações de Yazz é a necessidade de encontrar, a todo custo, alguém para si, para se envolver, com determinados pré-requisitos. Em determinada parte da narrativa, a autora ressalta: Yazz “às vezes passa noites sem dormir cismando que vai ficar sozinha a vida toda” (EVARISTO, 2020, p. 64). Isso se distancia de suas lutas diárias, pela libertação pessoal e autonomia, nas quais a jovem não necessitaria de outro alguém para amá-la e não precisaria de receios em ficar sozinha. Todavia, como não desejarmos o amor, entendido por Todorov (2009, p. 81), como “forma suprema da ligação humana”? É uma questão a ser pensada, discutida.

Mais uma história é discutida, desta vez, a narrativa causa embrulhos e enjoos no estômago, inquietude e contínua vontade de chorar devido à história de Carole, personagem descendente de nigerianos, mulher e bem-sucedida. Carole, porém, quando adolescente, sofreu estupro “depois o corpo dela não era mais dela pertencia a eles” e ainda, “sentindo partes de corpos estranhos sobre e dentro de partes do corpo dela que eram muito privadas, muito indecentes, partes que nem ela tinha explorado” (EVARISTO, 2020, p. 142).

Como diz Todorov (2009), quanto mais divergente for o personagem da realidade do leitor, mais o leitor conseguirá ampliar seus horizontes. Qualquer que seja o leitor, quer tenha ou não sofrido abuso sexual, não gostaria que, de fato, este horizonte tivesse sido tão ampliado. Ler é sentir, junto com o personagem, os aspectos mencionados na história. Fomos Carole. Sentimos Carole. Fomos nós também expostas, em alguma medida, ao abuso sexual de Carole. Ao mesmo tempo que nos dói e enraivece, amplia, em nós, a capacidade de empatia e a busca por justiça para a personagem da história literária e tantas outras personagens da história cotidiana da vida. O combate à violência, à violência de gênero, além das legislações protetivas e mesmo as legislações punitivas e toda sua crueldade e controvérsia são parte da educação, da formação humana.

Entre os anos de 2011 e 2017, conforme aponta o Ministério da Saúde do

Brasil, no site G1, na aba *ciência e saúde*⁶, a violência sexual contra crianças e adolescente teve um aumento de 83%. Desta porcentagem, 31,5% das violências são cometidas contra crianças e 45% contra adolescentes, entre esses dados, a maioria das vítimas é negra. Este cenário acontece com mais frequência no ambiente familiar, conforme apontam dados, e tende a se repetir. Isso implica ações no que diz respeito a medidas preventivas, as quais trabalham com as crianças a respeito do próprio corpo, bem como questões culturais referentes a gênero. Não apenas na escola este processo de combate à violência deve acontecer, mas em casa, com orientações dos responsáveis, proteção da criança por órgãos especializados, assim como o combate à desigualdade social e o combate à fome, que são ligados a esta temática.

Nesse rumo, Crenshaw (2002) tem como fundamento o objetivo de, através da interseccionalidade, ampliar as proteções dos direitos humanos, prestando mais atenção àqueles em situações de vulnerabilidade, assim como essas crianças e adolescentes, em sua maioria sendo vítimas negras. Desta forma, Carole, em especial, estaria sob as proteções da interseccionalidade, demarcada por marcadores de raça e gênero - adolescente de 13 anos, violentada sexualmente.

Bummi, mãe de Carole, nigeriana, fiel aos costumes e práticas aprendidas devido à cultura, nunca soube o que houve com a filha. Além disso, Bummi diz a ela que todos nós merecemos amar e ser amados/as - es - mesmo que isso cause aos que estão em nosso redor “desaprovação”, pois as vivências que temos são pessoais e únicas. Bummi amou, desejou e se relacionou afetiva e sexualmente com Omofe, também mulher, porém, com medo da reprovação social, em especial da filha, desiste de, por vias de fato, ser feliz, reprimindo uma parte de si própria.

Isso caminha em direção ao que nos diz Miskolci (2012): há uma busca contínua por aceitação, se necessário, moldando-se às demandas dominantes, buscando sobrevivência. Tanto que a teoria *queer* anseia por tornar visíveis essas violências, refletindo sobre os laços profundos entre sociedade e sentimentos pessoais, que, por vezes, - muitas vezes, aliás – moldam-se de acordo com o que é imposto.

Aprender pelas diferenças é a maneira pela qual os pensamentos críticos dos

⁶ Disponível em:

<https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/maioria-dos-casos-de-violencia-sexual-contra-criancas-e-adolescentes-ocorre-em-casa-notificacao-aumentou-83.ghtml>

indivíduos atuantes em sociedade podem ser construídos, pautados em várias referências: de cores, de amores, de saberes e culturas, por exemplo, de modo a ampliar o leque de contato pelas diferenças.

La Tisha, mulher negra, heterossexual, amiga de Carole na adolescência, agora adulta, trabalha em um supermercado, a fim de conseguir prover o sustento de seu lar e de seus três filhos. Sendo que uma destas vidas é, na verdade, fruto de um estupro sofrido.

A mulher relata o estupro reforçando um sentimento pessoal de culpa, a partir do qual acredita ser obrigada a satisfazer as vontades dos homens com quem se relaciona; mesmo sentindo repulsa, insegurança e negação, concede a eles seu corpo, pois sente-se responsável pelo desejo incessante dos homens, como que sendo uma punição por ser atraente, satisfazê-los.

Sua história trata-se de uma trama de superação: admitir seus erros, ir em busca de sucesso pessoal, assumindo suas responsabilidades, em especial, enquanto mãe. Aos 30 anos, La Tisha volta aos estudos, na busca de garantir melhores condições de vida.

Shirley, próxima personagem, professora de história, mulher negra. Trabalhou na escola Packham, na qual teve a oportunidade de celebrar a alegria que sentia pela profissão em lecionar suas disciplinas preferidas e transformar vidas. Entretanto, Shirley esteve presente quando a escola se tornou regrada, com conteúdo pré-estabelecido, o qual deve ser seguido à risca para garantir a permanência em seu local de trabalho. Na visão conservadora de Shirley, a tendência multicultural acabou com a escola, fazendo-a perder a vontade e o entusiasmo de dar aula. Além disso, a entrada de estudantes de diferentes etnias e classes sociais rebaixou a qualidade da escola, em sua perspectiva.

Foi Shirley que ajudou Carole a se tornar uma mulher bem-sucedida. Shirley rompeu paradigmas, especialmente aos leitores que estão em formação docente, pois relata como é o processo docente, expondo os sentimentos que se modificam e se misturam de acordo com as vivências escolares. Menciona a ansiedade por estar lecionando no início; o currículo estrutural dos conteúdos que engessam suas práticas diárias; a angústia e a acomodação que vêm de mãos dadas com a falta de reconhecimento; as condições desgastantes, como o estresse e a sobrecarga de trabalho. Outrossim, mostra a exposição de seus próprios preconceitos com a diferença. A escola pode ser, para uma jovem professora, um espaço de profunda

transformação, intelectual e pessoal, de questionamento de si e aprendizagem docente, mas também um espaço de reforço de seus preconceitos e de justificativa de uma prática docente medíocre.

Nesse sentido, Freire (2015, p. 89) revela que “A educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados.” A angústia de Shirley está pautada nas dificuldades de possibilitar aos seus estudantes o acesso ao saber, ao conhecimento, mas também em sua incapacidade em ver a potência da diferença na escola?

Shirley sofreu também violência de raça e gênero, por meio da qual racistas e machistas a menosprezam, especialmente no ambiente de trabalho, por ser uma mulher negra graduada. Além disso, não acreditava em soluções totalitárias. Mesmo sendo amiga de Amma, abertamente lésbica, Shirley, muitas vezes, demonstrou-se homofóbica.

Winsome, mãe de Shirley, julgou a amizade da filha com Amma, por causa da orientação sexual da amiga, dizendo que a filha poderia ser contaminada. Isso reflete o quanto a homossexualidade era vista como uma opção sexual ou mesmo uma doença. Lembremos que, somente em 1973, a Associação Americana de Psiquiatria retirou a opção sexual da lista de transtornos mentais do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-II). E, muito tardiamente, somente em 1991, a homossexualidade deixou de ser considerada doença para a Organização Mundial da Saúde (OMS), que retirou a homossexualidade da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas relacionados com a Saúde (CID 10).

Miskolci (2002, p.29) diz que todos podem ir à luta contra as normas e as abjeções e que muitos heterossexuais fazem parte do movimento *queer*, buscando, a todo custo, o direito de todos oprimidos viverem e conviverem em sociedade. Neste caso, o posicionamento errôneo de Winsome, em considerar a homossexualidade uma doença e não uma orientação sexual, reflete sua opressão sobre as classes e as lutas LGBTQI+.

A mãe de Shirley constantemente julga as ações da filha e compara a vida que leva, mesmo sendo explícito que as vidas, os desafios, os obstáculos diários e até mesmo as vitórias são situações individuais.

Além disso, Winsome era uma mulher negra imigrante, tendo, ao longo da

vida, que executar um trabalho exaustivo. Esposa de Clóvis, um homem negro sonhador, em busca de melhores condições de vida e alvo de constante racismo. Além disso, também fazia parte de um grupo de leitura, o qual convive com outras mulheres, criando laços de amizade.

Por conseguinte, conhecemos Megan/Morgan. Megan, negra e menina, desde a infância rompe estereótipos com o uso de vestidos, acessórios e cores estereotipadas, optando pelo uso daquilo que lhe convém, que lhe agrada e que lhe representa. Por meio da história de Megan, o debate proposto pela teoria *queer* permite que o leitor aprenda pelas diferenças, pois as atitudes de Megan, analisando o contexto social e a historicidade dos fatos, movimentam não apenas ela mesma, mas quem está à sua volta.

Megan “pensou que fosse amadurecer junto com o corpo, mas passou a sentir nojo dele” (EVARISTO, 2020, p. 342). Tal movimento nos conecta com Butler (2017), que discorre sobre a compreensão da diferença em diálogo com a sociedade, pois sua pesquisa está centrada no debate entre o estudo de gênero, sexualidade e raça, ou seja, sustenta a ideia de que o gênero se trata de uma construção social. Megan “parecia que [...] estava se livrando das camadas do que lhe havia sido imposto” (EVARISTO, 2020, p. 348).

Considera, ainda, o fato de que o feminismo tradicional ignora as implicações mais amplas, o qual reforça, ainda que sem intencionalidade, os estereótipos entre feminino e masculino, afinal “independentemente de entendermos nosso gênero ou nossa sexualidade [...], como cultural ou biológico, cada um de nós temos que afirmar nosso gênero e nossa sexualidade, afirmá-los como um direito” (BUTLER, 2017, p. 36). Para Butler (2017), portanto, tanto o gênero quanto a sexualidade não são fixos, são fluídos.

Morgan surge, identificando-se como gênero neutro, utilizando pronomes pessoais que fogem do padrão ele e ela - *o elu*. Elu - Morgan – tornou-se uma referência por conseguir superar os obstáculos dispostos pela sociedade, criando, ao seu redor, uma cultura só *delu*, que abrange suas singularidades e que respeita seu eu pessoal, “só posso representar a mim mesma [...] não sou porta-voz de ninguém nem líder de movimento transgênero, apenas exponho a minha jornada única em uma existência não binária” (EVARISTO, 2020, p. 367). Louro (2001, p. 546) menciona que a *queer* desafia as barreiras tradicionais de gênero e sexualidade, encurralando as dicotomias entre masculino/feminino, homem/mulher,

hetero/homo. Mas não somos também universais? Como fazer a relação entre o eu e suas singularidades e o todo?

Hattie ou GG, avó de Morgan, mulher negra, imigrante, crítica da política britânica conservadora, sofreu inúmeros casos de racismo. Perdeu pessoas próximas vítimas do racismo ou do conservadorismo de seu pai, que doou a filha que Hattie teve quando adolescente (Bárbara, atualmente Penélope). Hattie, aos 93 anos, é uma boa avó, acolhe Morgan como *elu* se identifica, contanto que esteja feliz. Ela não consegue compreender o pronome escolhido por Morgan, menciona a complexidade que é internalizar os motivos pelos quais Morgan não se sente representado por ele ou ela, dele ou dela, a ou o. Contudo, apoia os sonhos *delu*, aceita-*u*.

Grace é a próxima personagem, tendo perdido sua mãe devido à tuberculose, ficou sob os cuidados de uma casa de caridade para crianças. Sofria racismo. Sua personalidade era forte demais para ser mulher, conforme dizia as cuidadoras. Quando adulta, casou-se com Joseph Rydendale. A princípio, tal fato foi a realização de um sonho, posteriormente, tornou-se um pesadelo, demarcado por sucessivos estupros. Para o marido de Grace, os cuidados com a fazenda, terra em que residiam, era prioridade, já Grace e seus desejos não eram de grande relevância.

Grace e o marido queriam ter filhos, porém todos os bebês que essa gerava morriam. Ao todo, foram quatro bebês, quatro mortes. Isso a tornou uma patroa repressora com seus funcionários. Surpreendida pela gestação novamente, Grace dá à luz a Hattie - GG - porém não se anima, falta-lhe esperanças, acreditando que, assim como os bebês anteriores, Hattie não viverá. Pensou em suicídio, deixou GG aos cuidados das empregadas da fazenda. Depois de anos, aprendeu a gostar de sua filha. Sua infância foi de amor negado, perdeu sua mãe, como conseguiria então dar amor à sua filha?

Penélope, mulher branca, adotada, ainda na infância, foi deixada em frente a uma igreja, foi acolhida por um casal que a cuidava, mas não a amava, conforme expõe “o que ela precisava [...] era de uma declaração incondicional das pessoas que a tinham criado como se fosse deles” (EVARISTO, 2020, p. 308). A história de Penélope revela a questão do quanto as identidades são fatores socialmente construídos, pois até ter a notícia de que era uma filha adotiva, tinha uma identidade e uma história e, depois de saber de uma outra parte de sua vida, notou que sua

identidade era outra, bem como seu nome, sua data de nascimento, seus pais e sua família, no aspecto biológico.

Ao seguir sua vida, porém, conforme Evaristo (2020) relata no epílogo, em um de seus aniversários, decidiu fazer um teste de ancestralidade, que apresenta dados de localidades dos seus antepassados. Dessa forma, por e-mail, recebe o teste e um link, o qual direcionou Penélope aos dados de Hattie, sua mãe biológica. GG, aos 93 anos, conheceu sua filha, tirada dela.

A festa é o último capítulo, o qual narra o encontro de quase todos esses personagens e o quanto suas histórias se associam no decorrer dos acontecimentos. Amma, estrela da noite, recebe Yazz, sua filha, Roland, pai de Yazz e grande amigo de Amma. Carole, a convite do marido Fredy, também presencia a peça e encontra sua professora, Shirley, que está no espetáculo para apreciar os feitos de sua amiga, Amma. Dominique também se faz presente, sem Nzinga.

A peça dirigida e estrelada por Amma se chama *A última amazona do reino de Daomé* e tem como enredo um cenário secular, de meados do século XVIII e XIX e, como protagonistas, mulheres guerreiras que servem a um rei e uma menina escrava. Esse elenco se tornará guarda do rei, rompendo estereótipos heteronormativos.

A última amazona do rei é a personagem, criada por Amma, Nawi, a qual entra no palco vestindo-se de noiva. Uma adolescente. Vulnerável, que por não ser capaz de gerar uma vida, é expulsa do reino de Daomé. O objetivo de Amma ao apresentar ao público Nawi é demonstrar lealdade às amantes do rei, garantido que todas teriam uma estabilidade no reino, invés de serem expulsas por Daomé quando este se cansasse delas.

A peça, motivo do encontro de todos os personagens, finda-se com Nawi, sozinha e velha, reencontrando as amantes do passado. Revive as guerras nas quais adquiriu tamanha fama e, com as luzes diminuindo, Nawi morre. Este encontro e tal peça encenada não pode ser uma metáfora da vida e de toda sua diversidade?

Cada personagem traz novas histórias e novos aprendizados. Assim, a seguir apresentamos um quadro com as personagens do livro, bem como os temas fundamentais de seu contexto de vida abordados pela autora.

Quadro 1 – Personagens

Nomes	Temas
Amma	Mulher negra e adulta que vive em Londres; Mãe de Yazz; Diretora de teatro; Criadora e diretora da peça “A última amazona do reino de Daomé” encenada no elitizado <i>National Theatre</i> de Londres.
Yazz	Mulher negra jovem adolescente que vive em Londres; Acadêmica de literatura inglesa; Filha de Amma e de Rolland, um autor famoso de Londres; Amiga de Courtney, Nenet e Waris na universidade; Por vezes, sente-se mais importante ao discursar sobre lutas de classes.
Dominique	Mulher negra, adulta; Atriz de teatro; Amiga de Amma na universidade; Relacionou-se com Nzinga (uma relação violenta); Afastou-se de Amma por conta de Nzinga, que muito sente ciúmes e tem a necessidade de controlar sua vida.
Carole	Mulher negra e adulta; Bancária; Filha de Bummi; Aos treze anos e meio sofreu estupro coletivo por Trey e outros rapazes, na casa de La Tisha, sua amiga; Aluna de Shirley/Sra. King.
Bummi	Mulher nigeriana adulta; Formada em matemática pela universidade de Ibadan - Nigéria; Esposa de Augustine, falecido por ataque cardíaco; Trabalhou como faxineira em diversas empresas e escritórios; Criou a própria empresa de limpeza: BW Serviços de Limpeza Internacional S/A; Violentada pelo Pastor Obi, em troca de um empréstimo para abrir sua agência; Encontrava conforto na igreja, Ministério de Deus; Apaixona-se por Omofe, irmã da igreja, mas se sente culpada por sentir desejo por uma mulher.
La Tisha	Mulher branca adulta; Amiga de Carole no colegial; Mãe de três filhos - uma das crianças, fruto de um estupro que sofreu sem ter consciência disso, culpando a si mesma por provocar Trey; Supervisora de um supermercado.
Shirley Sra. King	Mulher negra adulta; Professora do colégio Peckham; Filha de Winsome e Clovis; Casada com Lennox, pais de Kate e Rachel; Amiga de Amma; Amiga de Penelope, professora do mesmo colégio; Professora de Carole e La Tisha.
Winsome	Mãe de Shirley; Mulher negra adulta; Casada com Clovis; Reside no litoral; Ama a filha, mas continuamente compara suas vidas, acreditando que Shirley se queixa à toa, não levando em consideração a realidade individual de cada ser.
Penélope	Mulher adulta; Na adolescência, em seu décimo sexto aniversário, descobriu que fora adotada; Casou-se com Giles; Formou-se professora, mas não exerceu a profissão devido à estabilidade financeira do marido; Mãe de Adam e Sarah; Divorciou-se de Giles devido a muitos motivos e encontrou um emprego no colégio Peckham; Casou-se novamente e divorciou-se de Phillip.

Megan/Morgan	Neta de GG/Hattie; Megan não se sente propriamente uma mulher, não se identifica com o gênero e nem atende às expectativas sociais em relação ao gênero com qual nasceu; Descobre o feminismo através de um longo diálogo virtual com Bibi; Morgan se identifica com o gênero neutro e adota pronomes como <i>elu</i> , <i>delu</i> .
Hattie/GG	Avó de Megan/Morgan; 93 anos de idade; Reside em uma fazenda; Viúva de Slim; Aos 14 anos teve uma filha, com Bobby, a qual deu o nome de Bárbara; porém, seu pai não aceitava a condição e por isso, doou a criança após o nascimento; Hattie nunca contou isso a ninguém.
Grace	Filha de Daisy e de um marujo; Grace perde a mãe, que falece devido à tuberculose; Por ser a única mestiça, as meninas deste lar para meninas do campo ficaram impressionadas com a cor de pele de Grace; Aos 13 anos, a Sr. ^a Langley, diretora do lar, arranhou um emprego para a menina; Grace se casa com Joseph, a princípio, um bom homem; Tiveram quatro gravidezes, quatro abortos; Então, Grace dá à luz a Hattie, que é cuidada por babás, pois Grace acredita que perderá essa filha também e para poupar sofrimento, não se apegua, acaba sofrendo com mais intensidade.
A festa	Roland é o primeiro a cumprimentar Amma; A peça trata sobre Amazonas compradas por aventureiros do Ocidente que viajaram para a África e escreveram sobre a ferocidade destemida delas; Dominique também está presente; Yazz prestigia a mãe também; Carole e outros bancários prestigiam a peça de Amma a convite de Freddy, seu marido; Shirley e Lennox também estão presentes na estreia; Morgan está ali também, produzindo conteúdo para redes sociais (Twitter).
Epílogo	Penelope, aos 80 anos, viaja até a fazenda de GG, a mãe dela, conforme demonstra o teste de ancestralidade que ambas realizaram; Ficara ansiosa e com receio de não ser acolhida pela mulher que encontraria.

Fonte: elaboração própria a partir de Evaristo (2020)

O livro *Garota, Mulher, Outras*, com todas as suas personagens principais e com os personagens secundários também, é uma leitura que reflete a realidade na qual uma parcela - grande -, sem representatividade, perpassa na sociedade. Violências, racismo, machismo, patriarcalismo, homofobia/transfobia e outras situações preconceituosas são relatadas no decorrer do livro. Ainda que seja romantizado o encontro entre os personagens, transpondo uma coincidência anormal, a autora atinge essencialmente os objetivos de discussões.

Dessa maneira, torna-se iminente a necessidade de discutir a docência que abranja o ensino pelas diferenças, através da potencialidade da literatura na formação de docentes, refletindo sobre gênero, sexualidade e raça, a fim de agir com coerência nas lutas societárias e educacionais.

2.3 POTÊNCIA FORMATIVA DA LITERATURA EM *GAROTA, MULHER, OUTRAS: EDUCAÇÃO PELA DIFERENÇA*

No livro *Garota, Mulher, Outras*, temos doze histórias que mostram a complexidade da vida, em especial a vida da mulher negra e sua constante luta contra preconceitos e apagamentos. A complexidade é a expressão de nossa vida coletiva e singular, entrelaçadas. O livro em si, escrito por uma mulher negra anglo-nigeriana⁷, é a possibilidade de ouvir outras histórias, diferentes daquelas nos contam as narrativas hegemônicas. Como nos diz Chimamanda Adichie⁸, é enfrentar a história única que nos conta constantemente até transformar-se em verdade, silenciando povos e culturas inteiras (ADICHIE, 2018).

Assim, perguntamo-nos: o livro de Bernardine Evaristo já é fruto do pensamento decolonial, à medida que abre novas formas de pensar para além das narrativas colonialistas centrada no homem branco-hetero-cis-gênero? É um livro que mostra outras formas de vida que são resistência, que possibilitam que nosso pensamento esteja em fronteira para ouvir tantas narrativas possíveis e não apenas a narrativa colonizadora hegemônica?

A colonização não ficou restrita ao período das Grandes Navegações, seu imaginário está presente em nossas vidas e em nossa educação até hoje. Bernardine Evaristo, mulher negra, nasceu na Inglaterra, mas é filha de pai nigeriano, está na fronteira e nos narra tantas histórias que ampliam nossas fronteiras, como humana e professora. A literatura contemporânea de Bernardine Evaristo nos lembra a concepção de literatura de Todorov (2009, p. 76),

A literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver. Em outras palavras, o contato com a literatura, independentemente do gênero, permite que o leitor crie relações com outras culturas, realidades e histórias, através do contato com personagens. Não que ela seja, antes de tudo, uma técnica de cuidados para com a alma; porém, revelação do mundo, ela pode também, em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro.

Considerando o potencial formador da literatura, em diálogo com a potência *queer*, a interseccionalidade e o pensamento decolonial, relembramos a concepção

⁷ Bernardine Evaristo é uma autora britânica de oito obras de ficção, nascida em Eltham, sudeste de Londres, de mãe inglesa e pai nigeriano.

⁸ Chimamanda Adichie é escritora nigeriana feminista, grande expoente contemporâneo da literatura africana.

de formação docente de Gatti (2016, p. 163): “A educação – enquanto pensamento, ato e trabalho - está imersa na cultura, em estilos de vida, e não se acha apenas vinculada às ciências.” O professor, enquanto figura importante e imprescindível, deve, ao preparar aula, propor intervenções e materiais e, ainda, observar as particularidades dos estudantes em formação. Isso quer dizer que “a educação se produz em processos interpessoais nos quais a identidade profissional e a profissionalidade (condições de cada docente para o exercício do seu trabalho) ocupam posição central” (GATTI, 2016, p.168).

Um professor que compreende a importância da educação está aberto às fronteiras de pensamento de que nos fala Mignolo (2007), questiona e transforma a si próprio para poder possibilitar aos estudantes seus próprios questionamentos, por meio da crítica do pensamento colonizado, que nos impossibilita ver além das narrativas hegemônicas que empobrecem nossas experiências de educação e vida.

Em síntese, uma educação descolonizada, *queer* e interseccional critica os pensamentos tradicionais, transformando os saberes com base em projetos sociais, culturais, políticos e epistemológicos. Para isso, não se deve apenas inserir novas culturas, novas políticas e novos pensamentos nas discussões, mas sim incorporá-los. Lembremos os artigos 205 e 227 da Constituição Federal de 1988, que nos trazem importantes garantias legais para a realização da educação:

Art. 205: A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. [...] art. 227: Art. 227. É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

A realização da política no contexto da prática implica pensar dois dos artigos mais fundamentais da Constituição Federal no contexto da teoria *queer*, interseccionalidade e decolonialidade. São grandes os desafios. Assim, relacionamos teorias e leitura literária para, enfim, estabelecer e analisar a potência da literatura na formação docente, no intuito de apontar a potência formadora e transformadora que a leitura pode gerar aos docentes em formação. Concordamos com Sevcenko (1999, p. 19), quando aponta: “As potencialidades do homem só fluem sobre a realidade através das fissuras abertas pelas palavras”.

Reforçamos, ainda, que os autores dos estudos culturais que nos apoiam não encerram sua análise apenas na luta de classes, mas em tantas outras lutas que englobam as diferenças que oprimem e violentam tantas populações. Em diálogo com eles, citamos Freire (2015, p. 105), ao compreender a educação como situação gnosiológica, ou seja, como comunicação:

para nós, a 'educação como prática de liberdade' não é a transferência ou a transmissão do saber nem da cultura; não é a extensão de conhecimentos técnicos; não é o ato de depositar informes ou fatos nos educandos; não é a 'perpetuação dos valores de uma cultura dada'; não é o 'esforço de adaptação do educando a seu meio'. Para nós, a 'educação como prática da liberdade' é, sobretudo e antes de tudo, uma situação verdadeiramente gnosiológica. Aquela em que o ato cognoscente não termina no objeto cognoscível, visto que se comunica a outros sujeitos, igualmente cognoscentes.

A leitura do livro *Garota, Mulher, Outra* permitiu que a pesquisadora se sentisse parte da realidade descrita, sentindo cada passo que os personagens deram ao longo da obra, além disso, permitiu sentir o que é estar em situação vulnerável, sendo oprimida por ser negra, por ser mulher, por ter filhos sem um marido consigo ou sofrer abuso sexual, porém sentindo que a culpa da violência é da própria vítima. O desconforto causado pelas histórias de vida daquelas mulheres e de Megan/Morgan permite compreender que as lutas por vez e voz às minorias sociais não foram, não são e nunca serão em vão.

O desafio se iniciou com a proposta da professora da disciplina de *Políticas Públicas e Gestão Escolar: Docência e Diversidade Cultural*, de realizar a leitura, ao longo do semestre, de um livro todo. Mesmo com tantos outros afazeres acadêmicos, pessoais e profissionais, a turma toda acolheu a ideia. Não foi diferente para a pesquisadora, que se envolveu e pesquisou sobre a temática exposta por Bernardine Evaristo (2020). Sem dúvidas, o processo formativo para compreender os motivos pelos quais a docência deve estar pautada na diversidade social e amparada por políticas públicas e reforçada por todos os gestores é essencial e deve ser discutido com frequência, para que não seja um assunto apenas previsto na CF 1988, LDB 1996, Diretrizes Curriculares, PNE 2014-2024⁹, mas que seja uma realidade diária: ensinar pelas diferenças, respeitando toda e qualquer diferença cultural existente.

⁹ Não elencamos entre os documentos a Base Nacional Comum Curricular em função das polêmicas que a envolve, como a retirada da discussão de gênero e sexualidade antes de sua aprovação em 2017.

Concordamos com Clarice Lispector (1998), em *Felicidade Clandestina*, quanto exalta o prazer e a potência de um livro:

Foi então que, finalmente se refazendo, disse firme e calma para a filha: você vai emprestar o livro agora mesmo. E para mim: “E você fica com o livro por quanto tempo quiser.” Entendem? Valia mais do que me dar o livro: pelo tempo que eu quisesse” é tudo o que uma pessoa, grande ou pequena, pode ter a ousadia de querer. Como contar o que se seguiu? Eu estava estonteada, e assim recebi o livro na mão. Acho que eu não disse nada. Peguei o livro. Não, não saí pulando como sempre. Saí andando bem devagar. Sei que segurava o livro grosso com as duas mãos, comprimindo-o contra o peito. Quanto tempo levei até chegar em casa, também pouco importa. Meu peito estava quente, meu coração pensativo.

Assim como para Clarice Lispector (1998), para a pesquisadora, a leitura não se tratava apenas de um quesito acadêmico, pois “Não era mais uma menina com um livro: era uma mulher com o seu amante” (LISPECTOR, 1998, p.8). Aquele livro se tornara um potencial no processo formativo, um material rico que permitiu a sensibilização dos leitores com os seus muitos personagens, pois, afinal, “A felicidade sempre iria ser clandestina” (LISPECTOR, 1988, p.7), mas, para a pesquisadora, a felicidade em ler um livro não é clandestina, é ostensiva, afinal as histórias não são de fato dos leitores, mas todo aprendizado que foi proporcionado lhes pertence.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através das leituras realizadas, percebemos a necessidade de uma docência pautada no ensino pelas diferenças, além disso, foi possível ver e sentir a potência literária na formação de docentes. Dessa forma, consideramos que é importante refletir sobre gênero, sexualidade e raça, identificando marcadores sociais, no intuito de ter coerência nas lutas societárias.

Esse processo de “Pensar e sentir adotando o ponto de vista dos outros, pessoas reais ou personagens literárias, é o único meio de tender à universalidade e nos permite cumprir nossa vocação. É por isso que devemos encorajar a leitura” (TODOROV, 2009, p.82), uma vez que se enriquecem as vivências extracurriculares do docente, permitindo que este explore a realidade dessas minorias não representadas e, partindo do ato reflexivo, incorpore em sala de aula também não apenas os debates em torno da temática, mas livros que, mesmo sendo clichês, permitam que os alunos adentrem ao mundo da leitura e, como aponta Todorov, possibilitem “a construção de uma primeira imagem coerente do mundo, que,

podemos nos assegurar, as leituras posteriores se encarregarão de tornar mais complexas e nuances” (TODOROV, 2009, p.82)

Por isso, a leitura de Evaristo (2020), associada a Crenshaw (2002), auxilia-nos no entendimento da interseccionalidade pois, com isso, as personagens relatam bem a busca por superar um contexto dominante que silencia e molda os integrantes da sociedade, com o intuito de extinguir as discriminações raciais combinadas com a de gênero, e em alcançar, na sociedade, o lugar que a mulher negra bem entender.

Posto isso, pensar em raça, gênero, sexualidade e classes sociais oprimidas, silenciadas e apagadas da sociedade e, ainda, refletir as realidades em torno delas são um processo investigativo e interpretativo. Sendo assim, desencadeia-se a necessidade da busca de uma nova educação, que tenha como objetivo primordial o ensino pelas diferenças.

Para Mignolo (2017) e Miskolci (2012), uma educação descolonizada e *queer*, respectivamente, critica os pensamentos tradicionais, transformando os saberes com base em projetos sociais, culturais, políticos e epistemológicos. Para isso, como dito anteriormente, não se deve apenas inserir novas culturas, novas políticas e novos pensamentos nas discussões, mas sim incorporá-los. Só os incluir não basta, não é suficiente. Precisa-se de uma transformação social e sócio histórica. Nesse sentido, a ideia relaciona-se às teorias e à leitura literária para, enfim, estabelecer e analisar a potência da literatura na formação docente, no intuito de observar o impacto que a leitura causa aos docentes em formação.

As leituras não se refletem apenas na luta de classes, mas em tantas outras lutas que englobam as diferenças que oprimem e violentam tantas populações. Em diálogo com eles, há Freire (1983), que compreendia a educação como uma prática libertadora que não se restringia a expandir e estender conhecimentos de fatos e informes e sim, buscar, continuamente, uma educação permeada por reflexões, as quais fossem demarcadas pela dialética entre conhecimento e ação.

Assim sendo, seguindo os preceitos de Freire (1983, p. 51), determina-se a educação como um processo que permite que o indivíduo se desenvolva partindo da sua realidade social, cultural, econômica e outras dimensões, pois concebe-se o ideal de educação, a qual não considera o homem - sujeito em desenvolvimento histórico, cultural, social, político, econômico - um ser exterior ao mundo, mas parte dele.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, C. N. **O perigo da história única**. São Paulo: Cia das Letras, 2018.

BRASIL. Constituição. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, **1988**.

BUENO, Chris. Brexit e o novo momento para a Europa. **Ciência e Cultura**. São Paulo, 2016: vol. 68, n. 4, out./dez.

BUTLER, Judith. Alianças queer e política anti-guerra. **Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 11, n. 16, 1 jan. 2017.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**. São Paulo: Civilização Brasileira, 2003.

COELHO, Tatiana. Maioria dos casos de violência sexual contra crianças e adolescentes ocorre em casa; notificações aumentaram em 85%. **Portal G1**. 2018.

Disponível em:

<<https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/maioria-dos-casos-de-violencia-sexual-contras-criancas-e-adolescentes-ocorre-em-casa-notificacao-aumentou-83.ghtml>>

Acesso em janeiro de 2022.

CRENSHAW, Kimberlé. **A urgência da interseccionalidade**. Ted.com. 2016: 18min40. Disponível em: <<https://www.ted.com/talks>> Acesso em: 16 set. 2021.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos Feministas**. Los Angeles: 2002, p. 171-188.

CRENSHAW, Kimberlé. **Mini currículo**. Disponível em:

<<https://www.law.columbia.edu/faculty/kimberle-w-crenshaw>>. Acesso em: 27 jan. 2022.

EVARISTO, Bernardine. **Garota, Mulher, Outras**. São Paulo: Cia das Letras, 2020.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

GATTI, Bernardete. Formação de professores: condições e problemas atuais. **Revista Brasileira de Formação de Professores**: Itapetininga, 2016, p. 161-171.

LISPECTOR, Clarice. **Felicidade Clandestina**. Editora Sabiá: 1975, p. 6-8.

LOURO, Guacira Lopes. **Teoria Queer**: uma política pós-identitária para a educação. 2001.

MIGNOLO, Walter. Desafios descoloniais hoje. **Epistemologias do Sul**. Foz do Iguaçu: 2017, p. 12-32.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer**: um aprendizado pelas diferenças. Belo Horizonte: autêntica, 2012.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes de; CANDAU, Vera Maria Ferrão. Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil. **Educação em revista**: Belo Horizonte, 2010, p. 15-40.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**. São Paulo: Brasiliense, 1999, p. 19-22.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.